

pensando cultura

Conheça a saga da ilustração de Elifas Andreato comprada a R\$ 5,00 em um bazar de igreja

Em setembro de 1982, a revista Playboy publicou uma reportagem sobre a turbulenta tentativa de Geraldo Vandré de retomar sua carreira musical após a censura na ditadura e o exílio. A ilustração foi encomendada a Elifas Andreato - morto em 2022, e que completaria 80 anos agora -, àquela altura já um dos artistas gráficos mais célebres do País.

O trabalho, como conta a Folhapress, trazia uma impressão digital no lugar de um rosto e tinha as marcas distintivas do autor, mas acabaria não ilustrando o artigo sobre Vandré - de última hora, foi substituído por outro do mesmo Elifas. Exibindo uma pequena foto da imagem original, o texto de apresentação daquela edição da revista explicava o ocorrido.

“Dois dias depois de receber esta ilustração, o editor de arte Carlos Grassetti foi surpreendido por um novo e fortíssimo trabalho, que Elifas enviou com o seguinte bilhete: ‘Carlos, eu gostaria muito que este trabalho fosse publicado! Ele me emociona mais. Acho o Vandré a ferida de toda uma geração, que não cicatriza nunca - e de certa forma todos nós temos um pouco a ver com esse corte. Por tudo isso, eu espero que vocês publiquem isso. Um abraço, Elifas’. Nós publicamos, Elifas, também emocionados.”

O “novo e fortíssimo trabalho”, que terminou publicado, mostrava uma cicatriz mal coberta por um *band-aid*, dialogando com o título da reportagem, “Vandré, símbolo de uma geração ferida”. Pode ser conferido mais ao lado, assim como a ilustração original, cujo destino guarda uma história ainda mais mirabolante do que a do seu começo.

Em 2021, um ano antes de morrer, Elifas encaminhou à sua filha Laura uma mensagem que recebera num domingo por WhatsApp. Uma mulher dizia que havia comprado numa feira uma ilustração com a assinatura dele e gostaria de saber se ele era de fato o autor. Tratava-se da primeira ilustração feita para a matéria da Playboy.

“Boa noite. É um desenho meu. Não sei como foi parar numa feirinha. Acho estranho isso. Por favor me dê mais informações sobre como comprou e quanto pagou”, respondeu o artista à desconhecida. “Foi em

uma feira de igreja, hoje em Brasília! Paguei R\$ 5,00”, respondeu a interlocutora.

Laura ficou surpresa, e perguntou ao pai: “Nossa! É um original?”. “Sim. Ficou na redação (da revista) quando substituí pelo curativo na ferida Geraldo Vandré”, respondeu Elifas. A filha então questionou: “E quem te mandou essa mensagem?”. “Eu não conheço. Ela não se identificou”, disse o artista. “Mas como ela tem seu número?” “Alguém deu. Ela mandou mensagem para confirmar a autenticidade.”

Ao entrevistar Laura Andreato sobre homenagens ao seu pai pelos 80 anos, a filha do artista mencionou a história à reportagem, que partiu então para montar o quebra-cabeças. A mulher que procurara Elifas em 2021 não disse seu nome, mas o número dela ficou registrado.

Ela é Vânia Freitas, antiquária e professora de artes do ensino fundamental aposentada. “A gente morava em Brasília e a minha filha estava começando com uma loja de garimpo, de antiguidades. Até hoje vivemos garimpando, somos garimpeiras assumidas. Brasília é muito rica pro garimpo, né?”, contou, por telefone.

“A gente foi nesse bazar de igreja. Quando chegamos, já estava no final, só tinha tranqueira, não tinha mais nada. E essa obra estava escoradinha num armário. E aí eu vi. Eu conhecia (Elifas) já pelo nome, né? Eu falei (para minha filha), R\$ 5,00, Fernanda. Gostei da obra e ela está aqui. Paguei R\$ 5,00. Aí na época mandei uma mensagem para ele e ele me confirmou. Não sei se eu achei (o número dele) no Instagram, ou no Google, não lembro. Ele respondeu com muita educação e disse que era dele, sim”, diz Freitas.

Embora não conheça bem o trabalho de Elifas - não sabia sobre as célebres capas de álbuns da MPB, por exemplo -, ela relata que, quando viu a assinatura, sabia que era de um artista conhecido. “Sabia, porque eu sou professora de artes, né? Sou formada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E a gente tem essa coisa, sabe o nome de artistas. Às vezes não sabe bem o nicho, mas quando olha, sabe.”

Laura, a filha de Elifas, disse não saber como a ilustração foi parar num bazar de igreja em



Arte foi concebida por Elifas Andreato para ilustrar texto da Playboy sobre Geraldo Vandré, em 1982, mas acabou substituída



Antiquária Vânia Freitas, com ilustração original de Elifas Andreato que comprou por R\$ 5,00 num bazar em Brasília

Brasília. Mas lembra que o pai tinha costume de doar trabalhos, o que torna o rastreamento uma tarefa árdua.

“Ele era um artista que pensava o produto final como sendo o que saía da gráfica. Então essa ideia que a gente vê nas artes plásticas do original como tendo um valor, para ele sempre foi uma coisa... Aquilo não era ainda

a obra, né? Ele pensava o trabalho para ser reproduzido, distribuído. E isso, para mim, é um dos aspectos interessantes da obra do meu pai”, diz Laura, que é artista visual e educadora.

Indagada se pretende manter ou vender a ilustração, a antiquária Vânia Freitas respondeu: “Se me aparecesse alguma oferta boa, até venderia”. Laura mostrou

interesse em incorporar o trabalho ao acervo do pai - que, por uma parceria do Instituto Elifas Andreato com o Centro Universitário Belas Artes, será disponibilizado para os alunos da instituição e para consulta pública. Entrou em contato com Vânia, mas, até a conclusão desse texto, não há notícia de que tenha havido negócio.